

O AMIGO DO POVO.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e quizerem recebê-lo na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 2,5000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 21 de Dezembro de 1869.

Numero 30

O AMIGO DO POVO.

Theresina, 20 de Dezembro de 1869.

Em 17 de outubro deste anno, fallecô no Rio de Janeiro um dos mais illustres senadores do imperio dizemos, deste paiz americano que tem *atado ao seu nome uma hedionda alcunha*, por causada sua detestavel fórma de governo—á européa! . . .

Aquelle que podia ter sido Washington; teve apenas a gradação de Thraséas, sem ter tido porem occasião de conhecer Nero, porque, após Augusto seguiu-se Tiberio—em cujo *glorioso* reinado baixou ao tumulo.

Todavia, Theophilo Ottoni foi illustre por sua virtude e sua coragem: se não chegou a rasgar as proprias veias, como aquelle romano que foi o Catão do baixo imperio,—é porque, no senado, não se offerecêo occasião de fazer-se a monstruosa apologia da morte de Agripina!

O Brazil perdeu n'elle um dos seus mais esforçados paladinos: não foi um defensor perpetuo, porque, a etiqueta, a infame adulação, reservou tão bello titulo para aquelle que menos o merecia, para aquelle que, não se contentando só com a corôa e o sceptro, apoderou-se tambem d'uma pomposa legenda para com ella florear irrisoriamente os seus brazões leoninos!

Morreu Ottoni, que tanta falta nos faz; ficou porem o rei, por desconto de nossos grandes peccados!

Mas, não!

es como a vel

Este Brazil infeliz, *imperio* corrupto como é, não pôde deixar de passar pelos mesmos transees d'angustia, pelas mesmas alternativas d'ignominia que a Roma dos Cesares!

Choremos a morte de Ottoni; e mais ainda, se Dionisio o *sabio*—não lhe sobreviver. . . .

José Marcolino de Bessa, valente e prestimoso chefe liberal da villa de Porto Alegre, no Rio Grande do Norte, foi assassinado na matriz da dita villa, a 29 de outubro, por occasião da eleição de senador: seu amigo Ricarte José da Silva, querendo soccorrel-o, cahiu igualmente victima do perverso capitão Navarro, que com quarenta e tantas bayonetas se achava encarregado de conquistar alli a urna eleitoral, ainda a custa de sangue humano!

A nobre provincia do Rio G. do Norte, empenhada tenazmente em repellir a infamante imposição do maldito nome de Salles Torres Homem, designado pelo *sabio* Raphael Gonzaga para ser-lhe apresentado como dignissimo de sua imperial escolha, para ter assento no senado; viu correr assim o precioso sangue de seus filhos, para que Timandro recebesse o premio de sua infame apostasia!

Mas, o sangue innocente recahirá todo sobre o empastado manto real, onde se desenhão 150:000 caveiras de brasileiros mortos no Paragnay! . . .

Tiradentes e Nunes Machado acercão-se de Bessa e Ricarte—lá onde os tyrannos nada podem,—e os conduzem até Ottoni, ancioso por saber novás da patria!

De 17 a 29 de outubro vão apenas 12 dias: Bessa e Ricarte irão dizer a Ottoni, encontrando-o no Emyreo:

« Deixamos de ser larvas lá na terra, para virmos ser—purpurinas borboletas, aqui no paiz das rozeiras mysticas, aonde reina a luz perpetua! . . .

« Quando nos desterrarão do Brazil, obrigando-nos os Caíns a seguir a rota infinda da Eternidade. . . lavrava-se as actas falsas da escandalosa eleição de Timandro: então fomos victimas sacrificadas ao capricho de Pedro II, o amigo do diffamador da *nobilissima* casa de Bragança! »

Ao que responderá Ottoni tristemente: Bem disse um poeta—que eu, *anojado do mundo*,—*da vida me despedira*: fiz bem em não esperar que Torres Homem fosse *eleito* senador!

« Pobre Brazil! Choremos sobre os teus destinos! . . . »

E os tres espiritos se abraçarão, commovidos, junto ao throno de Deos.

Brinquemos com o animal!

Fallar bem—não é comer feno:—isto é uma verdade incontestavel.

Trombudo de Souza chamou—IRRISIVEIS—às REFORMAS ANARCHICAS que elle alias parece querer dar a entender que são *dignas de riso*, segundo se adivinha, no seu vasconço.

Ha burros bipedes, tambem: não resta duvida!

Aquelle Esculapio, decididamente, nascêo antes para barbeiro desazado do que para cousa mais distincta. . . .

Seja dito sem offensa. Elle mesmo, desta vez, *chingou* a si proprio; chamando-se « pobre filho do povo! »

O urso commovêo-se tanto que chegou a chorar; fazendo de uma *ode pindarica* uma especie de *nema*.

Elle evocou os mortos, com ares de necromante. . . .

Pobre chartalão!

E aquella *saudação angelica* dirigida ao heróe-prófugo, sem ser Enéas?

Isto sim, não e *irrisivel*! E' digno d'uma *gargalhada* SÉRIA!

A historia dos republicueiros—é magnifica! O Dr. Colin foi considerado como encarniçado inimigo do rei; tanto como—David Caldas!

Este ultimo, sim senhor, é REPUBLICANO « convicto e ostensivo »—mas, o outro não o é; tanto que, acaba de desmentir solememente ao « foliculario desalmado » que apresentou aquelle *sarapatel* aferventado na *Taboca*, a tres do corrente, e dado a ruminar aos pacientes leitores do « Piahy »—8 dias depois!

Ah! Trombudo de Souza!

Porque não evocaste mais alguma alma do purgatorio?

Podias ter feito a experiencia, pobre *sauhim* velho—com barbas de t'arrenego!

Faz pena o teu estado, depois que o Paulino te botou quebranto!

Agora, é dependurares junto ás suissas grisalhas—a bella figa que te mandou a camara de Therestina; ou, se não,—a cabeça de cachimbo do velho Elvas.

Vejaõ isto só!

D. José Mansos Michael Augusto Raphael Gonzaga completou hoje 7 mezes de existencia ou 214 dias de nascido.

Tão preciosa joia está ao estado—por este preço
 —Polvora para *fumigações* do sagrado umbigo; sendo tres salvas a 338\$ cada uma (*) 1:008,800
 Alimentos: *leite* da cabra—Amalthea, e nectareas *papas*. 3:500,800
 —« Almofadas sem franjas » e mais festança do regio *baptisado* (**) 8:340,800
 —Gorgêta aos musicos (**). 518,800

(***) Rs. 13:366,800

Assim pois, cada dia de existencia do tal senho Casuza tem custado ao thesouro nacional 62\$400 reis; isto é, quasi tanto como metade da miseravel PENSÃO ANNUAL que se tem dado ao soldado que deixou um braço ou uma perna no Paraguay!

O parallelo é assaz edificante.

Transcrição.

As almofadas sem franjas ou a salvação do Brasil.

On peut en badinant dire la vérité.
 GRESSET. Vert-vert.

Lancemos uma palavra d'intima convicção, em meio dos graves acontecimentos que agitam o paiz.

Como brasileiro, não vemos nem poderamos ver indifferente, o que ahi se passa.

De todos os lados o expectaculo desafia as attentões publicas; e todos tomam parte irresistivelmente na apreciação dos factos do dia.

As opiniões, porem, não são as mesmas no avaliar coizas de semelhante natureza.

E a razão é porque havemos chegado o uma época de completa desorganisação ou antes desordem politica, em que se procura e não s'encontra, nas regiões do poder, um só principio que verdadeiramente caracterise o movimento da acção governativa.

Entendem uns que a politica de *conciliação* foi a causa primordial dos males que hoje soffremos.

Parece-nos judiciosa a critica de taes publicistas. O falseamento da opinião deu em terra—desgraçadamente!—com a realisação das legitimas ideias de *ordem e liberdade*; e ficou desde então, como espantalho ás multidões e a todo o paiz, o dogma funesto dos pequenos interesses individuaes substituido á theoria do interesse commum.

Outros pensam que os nossos desastres dactam da inauguração do *progressismo* em politica official; e vão até o extremo de chorar de saudades pelos tempos do exclusivo dominio *conservador*.

Em parte esses tem razão, mas não a tem no todo. Tambem esse regimen exagerado da *conservação*, na governação publica, foi de pessimos resultados; e não seremos nós que lhe teçamos d'aqui o necrologio, em homenagem a seus bons feitos.

O paiz conhece, por experiencia propria, os erros dos partidos, mas conhece mais que tudo os gravissimos peccados do governo.

Tem-se procurado—e este é a ponto o estado actual—

(*) Veja-se o « Diario Fluminense » n. 109 de 22 de maio do corrente anno.

(**) « Diario Official » n. 215 de 10 de setembro—pag. 1.ª col. 2.ª

Mas, onde a verba do orçamento que auctorisa este dispêndicio? . . . Se o *severo e economico* Odorico fosse *desterdar*, outro guallo cantaria ao ESTADO: a despeza do baptisado seria paga pelo padrinho do nenê.

(***) Com esta somma podia-se alforriar mais de 130 mil bequinhos da idade de D. José Mansos.

reduzir tudo neste nosso Brasil a mero instrumento do poder publico.

Em tudo intervem o que se chama governo, e para tudo se julga auctorisado.

Sete ministros creem poder dividir entre si a vida da nação; e elles tambem por sua vez, escravos de Baal e seus adoradores, adulam, incensam, curvam as cabeças submissos ante as aras do supremo funcionalismo, porem—no seu tanto—impe-ram, tyrannisam e exigem sacrificios em prol da causa publica!

Rasgam a constituição a cada momento, e a cada momento appellam para ella, em pura affronta ao bom senso e á justiça.

Aposentam magistrados; fazem uma inversão completa no systema da legislação commercial, decretam eleições e nomeam deputados, quebram a linha divisoria da independencia dos poderes; e afinal, ante o eminente perigo de uma guerra de brio e honra para o paiz, dão *urbi et orbi* a mais solemne prova de inconcebivel desaso, de inqualificavel negligencia e inercia!

Estamos em profundo lethargo, ou contentamo-nos com isto?

Que ideia, de feito, predomina entre nós a proposito de politica?

Temos partidos? temos crenças pronunciadas? temos governação que realmente symbolise um principio, e s'interesse pelo bem da communhão?

Lavra a descrença por toda parte d'uma a outra extremidade do imperio.

Vê-se apenas a vida official resumbrando, por assim dizer, de todos os poros da sociedade.

Sacrificios enormes de existencias e de interesses, sem proveito: um deficit horribilissimo ameaçando-nos de morte subita e irremediavel: os zangões do estado sugando insaciaveis a substancia e a seve do paiz: a malversação e o roubo em alta escala pondo embaraço ao desenlace da nossa magna questão com o estrangeiro: os supremos dispensadores da opinião tripudiando e rindo no banquete inglorio da ignominia nacional: o constitucionalismo do nosso regimen governamental, mascarado, desfigurado, quasi anniquilado; e um *specimen* de desastrado absolutismo, com suas formulas avelhantadas, repugnantes, ridiculas, talvez monstruosas, pairando pesado e fatal por sobre a nossa atmospheria politica!

Não s'illudam. O paiz marcha sem norte e para futuros que não podemos bem determinar.

A força de dar importancia ao governo, e de reprimir o testemunho da opinião publica, já se vai restaurando *calculadamente* o principio terrivel da politica da compressão, da vida governativa so por amor da auctoridade, só para os interesses da auctoridade.

Diz-se que ha grande perigo em suscitar e realisar reformas no sentido liberal: proclama-se que as ideas do partido liberal não são para ser adoptadas hoje em dia, sem muita modificação: finge-se mesmo que se tem serio receio de revoluções; e o certo é que a revolução está effectivamente plantada no gosto do regresso e do absolutismo, e plantada assim, graças aos thuriferarios sordidos do poder, aos parasitas ignobeis das pastas ministeriaes, aos bajuladores servis da monarchia e do monarcha.

Que querem elles, os politicos officiaes da actualidade, com as suas mystificações de *progresso e liberalismo*?

Até quando nos quererão embair mais com a deslavada theoria d'essa cortezania parva e insensata, que tanto nos mortifica e abate os brios nacionaes?

Salvarão elles o paiz, promoverão a felicidade da nação, com os decretos sobre *voluntarios*, que elles mesmos são os primeiros a transgredir; com a lei das *hypotheccas*; com o projecto da *reforma judiciaria*, para armar em juizes de direito e em desembargadores os seus fieis adeptos, embora renegados da vespera?

Salva'o-hão, porventura, com as pingues commissões para o estrangeiro, engendradas de proposito para o fim de comprar adhesões, ou preyenir votos de censura no parlamento?

Teem elles a estulta pretensão de satisfazer ás aspirações e necessidades nacionaes, erguendo á altura de evangelho politico, entre nós, o systema hybridado das transacções e dos manejos eleitoraes?

Acabaram com a liberdade politica, e substituiram-n'a pela compressão administrativa:—e quando se diz que vamos mal, que vamos pessimamente, se nos responde com a safada toadilha—*que devemos ter fé nas instituições*!

E como? Se estas, as nossas charas instituições, estão falseadas, sophismadas, adulteradas, de que modo appellar para ellas?

Se os homens do poder só sabem declinar a palavra—*governo*,—mas esquecem mui de proposito o termo—*constitucional*,—como acreditar, ou siquer presumir, que hajam elles de

attender e respeitar, em sua vida official, os principios cardeaes do nosso systema politico?

Não declamamos.

Creemos que não ha um só homem que se satisfaça com a tal ordem de cousas que ali vai.

Ou o governo se organisa, e segue regular a marcha que deve, por amor da dignidade da nação, e do bem publico, ou retrogradamos irremissivelmente á epoca dos *Capitães-generaes* e dos ministros *d'El-Rei Nosso Senhor*.

Se não queremos a *demagogia*, que nos horrorisa, tambem não podemos nem queremos admittir o *absolutismo*, que nos faz tedio; e é o absolutismo reaccionario, tacanho, vergonhoso e torpe, que nos offerecem os homens do poder, como penhor e garantia para a nossa felicidade!

Miseravel politica!

E é quando o paiz está a braços com uma guerra, que ainda não debellou, com a rapina de agaloados funcionarios, com uma divida immensa; é quando a nação, vergando ao pezo do predomínio official, supporta o mais afflictivo de todos os jugos—o jugo da aristocracia palaciana e da cortezania dos pseudo-politicos da *agiotagem governamental*—, que se desenrola diante de todos um espectáculo do mais repulsivo e ridiculo apparato!

Fallemos claro.

Quando o paiz não crê nos homens que o *desgovernam*, em vez de governal-o; quando esses mesmos aduladores de reposteiro tiveram a rara habilidade de matar no coração do povo as crenças, e baralhar os principios no jogo infame das convenções e das transacções do *progressismo*; quando, por causa de tudo isso, o scepticismo grassa pesado e torvo em todas as camadas do nosso mundo social, e o grito de toda a nação é no sentido de invocar, de provocar mesmo um *salvaterio*, para espancar esse tropel de calamidades que nos acabrunha, baixa, como por incanto, das altas regiões do poder, a ideia suprema das *almofadas sem franjas* e de outras banalidades mais, quasi á semelhança de *decreto*, e faz-se de publico a tristissima ostentação dos *reis d'armas* e dos *passavantes*, dos *anachronismos monarchicos* e das *frandulages cortezuas*!

E ahí está o decreto que ha de salvar o Brasil! E' este preciosissimo talisman que nos ha de restituir força e vida, e conduzir-nos bem cedo á terra da promissão!

Precisamos nós dessas avelhantadas usanças que já cairam, d'ha muito, no desuso, ante o bom senso e as luzes do seculo?

Ganhamos nós com esse montão de formulas insignificantes, que só primam pelo ridiculo que as cerca e pelo enjão que despertam?

Os homens do poder tractam de negocios serios, ou estão a divertir-se á custa do povo, e a zombar da boa-fe nacional?

Em tempo, e mui de caso pensado, nos explicamos.

Não detestamos a monarchia, amamol-a; mas amamol-a com seus ritos e usanças regulares, necesarios, indispensaveis.

Para nós, o monarcha symbolisa e deve symbolisar um grande principio: representante supremo da nação, n'elle vemos e acatamos a incarnação da auctoridade, que a nação reconhece e applaude; mas por isto mesmo queremos o chefe do estado em sua verdadeira posição constitucional, e nunca o quizeramos dando ares de um bey da Turquia, ou de um mandarim do celeste imperio.

Não nos tachem, pois, de anti-monarchista: somos monarchista, mas antes de tudo liberal.

A qualquer que haja lido esse notavel programma ou *decreto* de 20 de março deste anno, e que o tenha lido com attenção, perguntamos nós:

Que quer dizer esse acervo de formulas para a cerimonia do baptisado do principe?

Que significa esse luxo escusado de etiquetas quasi anti-diluvianas n'um paiz livre, á face do mundo civilisado, e na epoca intitulado do progresso?

Para que fim, e com que intuito, ao passo que nossos irmãos estão a sacrificar-se pela patria commum, os nossos estadistas, que devem tomar ao serio a melindrosa situação do paiz, gastam o tempo em redigir programmas de tão desagradavel natureza, para, ao cabo de tudo, determinarem de que modo se hade realisar essa cerimonia religiosa?

Muito tem ella de agosto, de altamente venerando, por sua propria essencia, como o primeiro sacramento da nossa Igreja; mas os bajuladores da monarchia, que são os principaes inimigos d'ella, entenderam conveniente dissipar-lhe o brilho, apagar-lhe a unção, e substitui-los, em attenção á ordem e á dignidade monarchicas, por um cortejo ridiculo, anachronico e sem a menor significação moral e politica!

Parte Noticiosa.

Presidente.—No dia 6 do corrente, perante a assembléa provincial, tomou posse o Exm. Sr. Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva, presidente que veio substituir ao velho pachá Theotonio: substituir não dizemos bem, por quanto, acreditamos que S. Exc. não veio continuar se não *chronologicamente* a administração que findou-se ha 15 dias, para descanso deste povo exasperado, mas pacífico, —indignado, mas amigo da tranquillidade.

Per ora, o que está bem patente é que—em vez d'um sugeito quasi analfabeto—temos hoje na publica administração um homem illustrado; o que já é uma garantia para os que soffrião sob o dominio da barbarie.

« **O dalgado.** » — Foi-se o velho anachorêta, para a sua ermida do morro das Araras!

Indo para o *Espirito Santo*; todavia, levou saudades dos anjos, dos *serafins*, da musica, e das *contumelias* dos que o cercavão. . . .

Anhangá lhe tire dos hofes a terça parte dos suspiros: velho com saudades—morre de mal triste.

Aos 66 annos, não se pôde carregar de mais o coração: ôdre muito idoso e engelhado corre risco de esbarrachar-se com qual quer demasia de conteúdo.

E' fazer por desfarçar com as *bolinhas de cera*...

Lycurgo de Paiva.—Foi ultimamente demittido de secretario da camara *por ter cumprido seus deveres* escrevendo uma acta q' continha o notavel rasgo de dignidade d'um vereador (o mais distincto da Illm.^a camara municipal,) o qual havia impugnado tenazmente que a edilidade votasse uma moção de pesar ao Dr. Simplicio por ter o governo mandado correr as 13 leis suspensas por este tyranno!

Quanta immoralidade!!!

Voltaremos ao assumpto.

União.—Desta villa serão remettidos para a cadêa da capital a 10 ou 12 de novembro—os presos José do Norte e Feliciano: ficarão na cadêa da referida villa os presos Martiniano Gomes, Thomaz Barbosa e seu filho João, bem como Delmiro que é o descaroador e ensacador do algodão dos governadores da terra, que com isto fazem certas *economias* commerciaes. . .

Ainda no dia 15, Delmiro descaroador 18 @ de algodão pertencente a um agente do *fisco provincial*

Em compensação de seus bons serviços, o preso Delmiro gosa de certos privilegios e isenções.

Pedido justo.—Fazemol-o ao Sr. Dr. chefe de policia, a respeito do destino que levou Manoel Moreira Gomes, a pobre victima do celebre Horacio de Jeromenha.

Que noticias ha?

O Sr. José Lino não poderá auxiliar a policia em suas pesquisas?

Pois é possivel que se abra a terra, sem deixar vestigios do rumo que levou o infeliz?

Terá elle subido, ou *descido* o rio Parnahiba?

Eis um bello problema que a policia deve ver se é solavel. . . .

Ao Cearense e ao J. da Fortaleza.—Agradecemos aos illustrados collegas as expressões nimiamente honrosas que se dignarão dirigir-nos, tratando do infeliz Manoel Moreira Gomes; de quem lhes enviamos o retrato, tendo a certeza de que seria, como realmente o foi, benignamente acolhido por tão distinctas redacções: a os esforçados paladinos da cruzada democratica, retribuimos com um expressivo aperto de mão.

Remoção.—Foi removido da comarca desta capital para a de Sapucahy—na provincia de Minas, o Sr. Dr. juiz de direito Candido Gil Castello-Branco

Juiz de direito.—Foi designada a comarca desta capital para nella ter exercicio o juiz de direito Dr. Gervasio Campello Pires Ferreira, que já foi chefe de policia n'esta provincia,

Sandjak.—Consta-nos que se acha nesta cidade o célebre Vaes-con-sella, senhor de barão e cutello no *livah* de Marvão,—que é terra aonde os veados não folgão, porque, em verdade tem onça de fazer medo!

Um ronco seu—é bastante para fazer arripiar as carnes, aos fracos!

Estamos hoje tão nervosos, que mal podemos dar esta breve noticia a respeito de tão grande senhor.

Fallecimento.—Acabamos de saber que fallecêo na cidade da Parnahiba o coronel Livio Lopes Castello Branco, um dos chefes mais proeminentes do partido liberal da provincia.

Por ora, nos limitamos a dar ligeiramente esta infausta noticia, visto não termos maior espaço neste numero.

Sentimos tão dolorosa perda, e de coração nos associamos aos justos pezares da Exm.^a familia do illustre finado, a quem muito veneramos.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o seguinte.

ANNUNCIO.

O abaixo assignado roga aos seus amigos o obsequio de assistirem a uma Missa que se ha de celebrar na Igreja de N.^a S. do Amparo desta cidade, no dia 26 do corrente mez, ás 7 horas da manhã, pelo descanso eterno d'alma do seu fallecido e sempre chorado pae o coronel Livio Lopes Castello Branco; e, quer por si, quer por sua inconsolavel mae, irmãos e cunhados, protesta desde já o mais sincero reconhecimento a todas as pessoas que se dignarem assistir a esse acto religioso.

Theresina 21 de dezembro de 1869.

Miguel Borges.